

Narrativas translíngues e hierarquias latino-americanas: entrevista com Gabriel Mamani Magne

Entrevistado

Gabriel Mamani Magne

Universidade Federal de Goiás | Goiânia | GO | BR

mamani@discente.ufg.br

<https://orcid.org/0009-0000-7143-6846>

Entrevistadores

Denis Leandro Francisco¹

Universidade Federal de Lavras (UFLA) | Lavras | MG | BR

denisfrancisco@ufla.br

<https://orcid.org/0000-0001-5947-8832>

Gabriela Eufrásia Sousa Passos²

Universidade Federal de Lavras (UFLA) | Lavras | MG | BR

gabriela.passos@estudante.ufla.br

<https://orcid.org/0009-0008-6776-1265>

RESUMO: Nesta entrevista, o escritor Gabriel Mamani Magne (Bolívia/Brasil)³ discute as camadas críticas e estéticas de seu romance *Seul, São Paulo* (2019). Afastando-se das “fábulas de superação” estimuladas pelo mercado editorial, o autor reflete sobre a condição migrante como uma experiência marcada por desigualdades estruturais e pela resistência cultural. A conversa percorre temas como o bilinguismo orgânico nas diásporas, a tensão entre mitos ancestrais, globalização e o papel da literatura na desconstrução de hegemonias no contexto latino-americano.

PALAVRAS-CHAVE: transculturalidade; literatura comparada; narrativas translíngues; hierarquias latino-americanas; Gabriel Mamani Magne.

Sobre o romance *Seul, São Paulo* (2019)

1 O título do romance evoca uma conexão inesperada entre a capital da Coreia do Sul e a maior metrópole brasileira. Como você chegou a esse título no processo de elaboração do livro?

¹ Professor do Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Lavras (DEL/UFLA).

² Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Lavras (bolsista PIBIC/CNPq).

³ Gabriel Mamani Magne (La Paz, 1987) é sociólogo e mestre em Literatura (UFRJ). Venceu o Prêmio Nacional de Romance da Bolívia em 2019 com a obra *Seul, São Paulo*.

Gabriel Mamani Magne: Para mim, era muito importante jogar com a identidade boliviana. A diferença do Brasil é que a Bolívia absorve muito a cultura dos países vizinhos. Não é uma sociedade que só olha para o norte. A gente também olha muito para Argentina, Peru, Brasil. Sobre tudo na música. Então, eu quis dizer em voz baixa que a Bolívia também é feita pela cultura de fora, neste caso a coreana com o k-pop e a brasileira pelo fato de ser um lugar de acolhida da nossa migração. É um livro bem boliviano. Mas sua respiração tem ar de outros países.

2 Sua recusa em ter a história de Tayson vista como autobiográfica parece ir na contramão da expectativa do mercado editorial por narrativas de “superação” do imigrante. Você acredita que essa busca por histórias “reais” e dramáticas acaba limitando a complexidade da experiência migrante na literatura?

G. M. M.: O capitalismo adora histórias de superação porque elas vendem a mentira de que só com o poder individual é suficiente para ter sucesso na vida. Esses tipos de fábulas fazem com que a luta contra a desigualdade estrutural seja desnecessária, sublinhando que as injustiças derivadas da migração são uma questão individual e não social. Respeito muito as pessoas que têm sucesso sendo estrangeiras, mas isso não quer dizer que eu considere que a vitória contra a desigualdade seja só um tema pessoal que depende de deus ou nossa vontade.

3 Como escritor nascido na Bolívia, mas que vive e viveu no Brasil, qual a sua perspectiva sobre a representação da Bolívia e de seus imigrantes na literatura brasileira? Parece que há uma falta de representatividade?

G. M. M.: Pois é. O Brasil, às vezes, só olha para Argentina quando pensa na América do Sul. Os olhos brasileiros tendem a atravessar o oceano quando querem pensar em outras realidades. É triste que, mesmo sendo vizinhos, nossas culturas não tenham tantas zonas de contato. No entanto, nos últimos anos vi maior interesse de acadêmicos brasileiros por entender a cultura andina, em específico a boliviana. Nesse sentido, considero que nossas escolhas culturais (que livro ler, que filme assistir) devem estar guiadas por uma vontade de socavar hegemonias. Quer dizer, é bom se perguntar por que sempre consumimos cultura dos mesmos países. A resposta pode abrir as janelas a livros maravilhosos de países não hegemônicos.

4 *Sua pesquisa em Literatura Comparada no Brasil provavelmente teve ressonâncias sobre a forma como você concebeu o seu romance. Algum autor ou autores, teoria ou teorias foram particularmente importantes para a escrita do romance?*

G. M. M.: Absolutamente não. Na escrita de literatura eu sempre tento me afastar da academia. Teoria e narrativa têm respirações diferentes. Com meus romances não quero demonstrar nada. Só contar.

5 *Em sua narrativa, o processo de “outrificação” aparece entre grupos igualmente marginalizados (bolivianos, brasileiros pobres, coreanos imigrantes). Você diria que essa dinâmica é central para entender um pouco mais não apenas da diáspora boliviana, mas das hierarquias internas da América Latina contemporânea?*

G. M. M.: Totalmente. Imaginar que nossos países não se movimentam baseados em hierarquias históricas seria injusto com a realidade latino-americana. Negar isso é negar as lutas diárias dos nossos povos.

6 *A oposição entre Tunupa e McDonald’s, entre o mito ancestral e o símbolo global, marca uma cena crucial do romance. Essa justaposição parece sugerir que a identidade diaspórica nasce justamente desse embate de referências inconciliáveis?*

G. M. M.: Penso que o migrante tem a capacidade de criar espaços onde a tradição e a novidade convivem com dinâmicas interessantes. Como falei, a Bolívia absorve elementos de fora e os dá uma forma nova, que muitas vezes não responde ao mandato hegemônico de ocidente. Uma coisa maravilhosa da cultura boliviana é que o ancestral se mistura com a globalidade sempre desde o questionamento, nunca desde um lugar cómodo ou domesticado. Pensar que a gente pode viver sem a presença do global é impossível. A pergunta que me segue é: como me relaciono com o global sem me submeter a essa lógica? Penso que tudo depende da mirada.

7 *No romance, a mistura entre espanhol boliviano e português cria um efeito narrativo bastante próprio. Como você vê essa escolha estética: como estratégia de realismo? gesto político? expressão natural de uma vivência linguística híbrida?*

G. M. M.: Na minha pesquisa eu estudo narrativas “translingues”, quer dizer, narrativas que misturam linguagens. A teórica Yasemin Yildiz diz que o paradigma monolíngue faz com que a gente imagine que existe uma correspondência automática entre cultura e linguagem. Ela questiona isso ao dizer que não é assim mesmo: segundo ela, a realidade

de muitas culturas é o bilinguismo ou multilinguismo. Isso acontece na Bolívia com as línguas indígenas, que são usadas por milhões e atravessam nosso espanhol. Também acontece o mesmo com as diásporas. As línguas se misturam, o português entra pelas janelas da família boliviana em São Paulo e mexe tudo, cria novos conceitos, se mistura com o espanhol andino e desenha um espaço linguístico rico e único.

8 *Considerando a jornada de Tayson e de seu primo, Seul, São Paulo pode ser lido como um romance de formação... Você poderia falar um pouco sobre a sua visão acerca da “formação” do sujeito migrante em um mundo globalizado, no qual as fronteiras físicas e simbólicas são cada vez mais fluidas, mas, ao mesmo tempo, cada vez mais complexas e desiguais em termos do que elas possibilitam e negam aos cidadãos migrantes?*

G. M. M.: A gente está vendo ao vivo o que o governo Trump faz com os migrantes. O ICE sequestra migrantes e as grandes potências não dizem nada. São tempos obscuros, ultra nacionalistas, xenófobos e lotados de fake News. Nesse cenário, o migrante é o principal alvo de discursos nacionalistas. No entanto, desde sempre, as pessoas migraram, atravessaram fronteiras, misturaram linguagens. A migração vai continuar apesar desses discursos. O sujeito migrante é forte. E os governos de ultradireita os atacam porque sabem que são fortes. Tem medo deles. A universidade, nesse cenário, é para mim fundamental para proteger essas realidades. Vincular o conhecimento local com o conhecimento de países vizinhos me parece uma estratégia genial para resistir aos constantes ataques contra os migrantes.

9 *No Brasil como em boa parte da América Latina deste século XXI, há uma proliferação de textos literários que abordam a realidade de grupos e sujeitos subalternizados. Seu romance é um exemplo dessa literatura. O aspecto altamente capitalizado das produções culturais faz da literatura, hoje, um componente relevante do soft power de um país e de sua cultura. Como você vê essa relação entre arte (literatura), mercado e reafirmação cultural?*

G. M. M.: É um assunto complexo. Muitas vezes parece que um autor racializado não tem direito a ter sucesso. Se ele triunfar, muita gente vai dizer que só está sendo usado pelo capital em virtude do seu lugar na sociedade. Se ele fracassar, vão dizer que era esperado, dado que seu povo não tem talento. Acho que invés de nos perguntar por que os subalternizados têm mais foco agora, a gente deveria se perguntar por que as pessoas privilegiadas ainda tem muita relevância. O cinema, a literatura, a música são fortemente brancas ainda. A gente nunca deveria deixar de questionar isso.